

Conversando com Meg Harris Williams^[1]

Esta entrevista, concedida por Meg Harris Williams a Thaís Helena Thomé Marques em nome da Diretoria Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (DC/SBPRP), ocorreu como preparativo para o Encontro Internacional On-line “Psicanálise e Experiência Estética” no dia 26 de junho, também realizado pela DC/SBPRP. As perguntas foram enviadas e respondidas por escrito.

1. Meg Harris Williams é escritora, artista plástica e crítica literária, especializada na relação entre psicanálise, experiência estética, literatura e poesia. É uma das editoras da organização educacional The Harris Meltzer Trust.

Esta entrevista, disponível também em inglês na edição virtual on-line da *Berggasse 19*, foi traduzida por Thaís Helena Thomé Marques, diretora científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), sob orientação do dr. Luiz C. U. Junqueira Filho.

DC: A nossa sociedade terá o prazer de recebê-la on-line em junho próximo, e na oportunidade você falará sobre o impacto da beleza causando turbulência e sobre a importância da resposta estética para conter o significado da turbulência.^[2] Qual é a relação entre “resposta estética” e uma “postura estética” do psicanalista, se é que há alguma?

Meg: Eu acho importante que o analista tenha a atitude de que qualquer qualidade estética não pertence a si mesmo ou ao paciente, mas ao processo analítico em si. A tarefa do analista, segundo Meltzer, é “presidir” o processo à medida que ele evolui de dentro do *setting*. O material-sonho do paciente também pode ter uma qualidade estética própria, mas, novamente, isso não é posse do paciente ou do analista. Pode-se dizer que a atitude estética é de receptividade, que responde ao que está acontecendo.

DC: Durante a sua apresentação você nos brindará com trechos do filme inspirado na trilogia *Uma memória do futuro*, de Bion, que você produziu. Como você pensou o título desse filme, *O aposento do vir a ser*?^[3]

Meg: As palavras “A beleza poderia ajudar?” são de uma personagem (Rosemary) no *Uma memória* de Bion. O título “O aposento do vir a ser” refere-se à ideia tradicional de um interminável “vir a ser” que Bion adotou, e também à “sala de corte” em que os filmes são editados.

DC: No seu entendimento, qual é a relação mais substancial entre arte e psicanálise?

Meg: Eu acho que é, principalmente, o assunto – especificamente a mente e seus fenômenos emocionais. Mas também acho que podemos ver uma analogia nos processos de observação desses fenômenos através dos meios da arte ou da psicanálise. Os meios são diferentes, mas o assunto é o mesmo, e ambos dependem da capacidade de olhar para fora e para dentro ao mesmo tempo. (Este pode ser um significado da “visão binocular” de Bion.) A arte, no entanto, é pública, enquanto a psicanálise é privada.

DC: Bion foi um grande leitor de poesia, e sabemos da influência que vários poetas exerceram na sua vida e obra. Nos trabalhos publicados em épocas mais maduras da sua vida, Bion declarou que a poesia era muito importante para a psicanálise e que talvez fosse a mais importante das epistemologias. Como você compreende essa afirmativa?

2. O texto da apresentação de Meg Williams pode ser lido nesta edição, nas páginas 10-22. Na edição on-line da *Bergasse 19*, está disponível também em inglês.

3. *The becoming room*, no original.

Meg: A poesia é uma das formas de arte mais antigas, por isso teve a oportunidade de investigar e acumular conhecimento psíquico de uma forma muito sofisticada e precisa. Como toda boa arte, ela se comunica em diferentes níveis, do infantil ao adulto, trazendo referências inconscientes à luz. Ela usa características musicais e não verbais da linguagem, bem como significados léxicos (de dicionário). Essas características da linguagem são algo a que a psicanálise também está aprendendo a prestar atenção e valorizar.

DC: Se pensarmos que a arte envolve mais quem a contempla do que a vida em geral, e fazendo uma analogia da arte com a psicanálise, qual é a importância da personalidade do analista, do uso tanto de suas capacidades como das precariedades para sua função?

Meg: Por favor, lembrem-se que eu não estou falando como uma analista; mas suponho que, como normalmente se entende, a personalidade do analista não tem importância, ou melhor, é passível de ser um obstáculo e estimular o tipo errado de contratransferência. Assim, o analista (como foi dito de Freud em diante) precisa manter em suspenso as preferências, os talentos, os gostos e as aversões que constituem sua personalidade – eles podem interferir no material dos sonhos trazido pelo paciente. Mas provavelmente, à medida que a análise progride, um tipo diferente de amizade também pode se desenvolver, o que inclui interesses compartilhados. A psicanálise pode ser uma conversa interessante em si mesma devido à busca compartilhada pela compreensão. Isso é diferente, porém, da condição de entreter da arte – com ambos “ensino e prazer”, pela máxima de Aristóteles –, que é direcionada a um público geral.

DC: No texto da sua apresentação on-line em Ribeirão Preto, você nos brinda com uma reflexão muito interessante de que os pensamentos à nossa volta primeiramente se apresentam como sentimentos. Qual é a relação entre os sentimentos e a feiura fértil à qual você se refere no texto?

Meg: É claro que a teoria de Bion é de que todo pensamento começa com um sentimento, e o problema é detectar e aceitar esse sentimento. Na opinião dele, portanto, todos os sentimentos são inicialmente experimentados como feios, porque perturbam o status quo da mente. No entanto, eles são o solo fértil a partir do qual os pensamentos emergem (Bion o compara a um monte de adubo).

DC: Você menciona em seu texto que os processos psicopatológicos e suas defesas são indicadores de que o indivíduo teve contato com a beleza e não a suportou. Conte-nos sobre esse paradoxo, a questão de rememorar para dar-se conta do momento presente.

Meg: Essa é, na verdade, a teoria do conflito estético de Meltzer, de acordo com a qual (seguindo Platão) a capacidade de vislumbrar beleza ou verdade é vista como inata em todos os seres humanos. Não se desenvolve após uma “posição depressiva” ter sido alcançada, mas é primária. Se o indivíduo não pode tolerar esse vislumbre, talvez por falta de reciprocidade, ou por incompatibilidade com a figura materna (ou outras razões constitucionais ou ambientais), então ele se retira do conflito estético e da busca pelo conhecimento que ele deve colocar em movimento. A crença de Meltzer era de que toda psicopatologia pode ser entendida em termos dessa retirada. A personalidade não é forte para progredir e aprender o significado de seu conflito emocional. A experiência corretiva não seria lembrar tanto quanto re-viver. Uma outra oportunidade se apresenta no momento presente.

DC: Poderíamos conjecturar que a mente é criada no trânsito entre a beleza sensual e a beleza espiritual? Qual seria a correlação dessa situação com a citação de Bion contida no texto dele: “quem poderá salvar a psicanálise da sua infância balbuciente baseada na sensualidade?”?

Meg: É claro que os neoplatonistas viram esse trânsito da beleza sensual para a espiritual como uma escada lógica de experiência, sempre enraizada no sentido, embora finalmente transcendendo as necessidades sensuais. Acho que Bion se refere ao velho problema de quando a gratificação sensual se torna um fim em si mesma, divorciada de qualquer significado, resultando em perversidade. Ele via a psicanálise como uma coisa-em-si que precisava se desenvolver no mundo, de forma semelhante aos indivíduos que precisam se desenvolver e entender o significado de suas vidas.

DC: Quando Bion refere que a psicanálise não pode ser contida nas teorias que ela mesma produz, porque ela é considerada uma sonda para investigar o universo mental, podemos avaliar as teorias psicanalíticas como um exoesqueleto da psicanálise que pode enclausurar a apreensão da experiência viva e suas observações criativas?

Meg: Dependeria de como as teorias são usadas – como explicação ou como notação (onipotente ou provisória). Certamente Bion sempre enfatiza como a experiência viva de fazer psicanálise é diferente de falar sobre psicanálise. O valor da psicanálise está em seu método, não em suas teorias sobre a mente, que ainda são muito rudimentares e acrescentam pouco ao corpo do conhecimento já alcançado pelas várias formas de arte. Por outro lado, Meltzer diria que o método não pode ser praticado sem um modelo da mente a partir do qual fazer observações; então, esse modelo é gradualmente refinado e expandido para acomodar essas novas observações e, assim, o método e o modelo continuam a evoluir. Meltzer viu isso como um processo gradual a favor de um status genuinamente científico para a psicanálise.

DC: Podemos colocar o objeto estético na categoria “O” da experiência, ou seja, qualquer fato novo que nos surpreende e para o qual não temos suficientes símbolos para dar-lhe significado pode ser entendido como impacto estético?

Meg: Sim, acho que o objeto estético pode ser entendido como uma manifestação de “O” – ou seja, um lugar em que a verdade final ou a beleza “se cruzam” com uma realidade sensual na forma de um símbolo. O novo fato emocional sempre aparecerá na forma de um símbolo – que é mais um passo acima na *grade* (por assim dizer) do que estava de um sentimento. Por isso já está contido, como em uma obra de arte; mas, no caso de uma obra de arte, também tem que ser recebido na forma de um símbolo correspondente (algo que chamo de congruência simbólica, no campo da crítica literária). Símbolos são produtivos, estimulam outros símbolos na mente de quem está tentando se comunicar.

DC: Em um de seus trabalhos, “As musas do psicanalista”,^[4] você refere que para os analistas é necessária uma capacidade de tolerar a solidão que advém do sentimento da vida cotidiana para que eles possam entrar em contato com dimensões mais sensíveis do seu eu e do eu de seu paciente. Com o surgimento da pandemia, em que as pessoas tiveram de se isolar em suas casas, uma desaceleração de excessos parecia estar prestes a ocorrer. Entretanto, o que se observa é que, com as facilidades de comunicação oferecidas pela internet, os psicanalistas e outros profissionais passaram a trabalhar mais do que antes, e uma profusão de trabalhos e reuniões tomou conta de suas vidas. Você observa esse acontecimento? O que você pensa sobre isso?

Meg: Acho que há uma diferença entre isolamento e solidão. O isolamento sugere uma incapacidade de se comunicar, seja qual for a situação externa. A solidão (como o tema do último artigo de Melanie Klein) sugere uma capacidade de comunicação baseada na aceitação do “único *self*”, como diz Keats. Bion diria que há uma “valência” disponível para se conectar com outra mente. Talvez com os *lockdowns* tenha havido uma sensação de pânico de que perderíamos o contato com nós mesmos e ficaríamos isolados se não tivéssemos segurança tecnológica.

4. O texto foi publicado no volume 6 da Coleção Memória da Psicanálise, uma série da revista *Viver: Mente & Cérebro* editada por Manuel da Costa Pinto (2009, pp. 90-97).